

ensaios visuais

Do batente da porta pra fora: trabalho e sociabilidade de mulheres artesãs em Brejinho no sertão de Pernambuco

Mônica Vilaça da Silva

Universidade Federal da Paraíba – Brasil

Brejinho é uma cidade do sertão do Pajeú, território composto por 17 municípios pernambucanos, marcado pelo semiárido e pela caatinga – um bioma que se modifica ante os períodos de estiagem e chuvas, sendo a agricultura familiar e a agropecuária as principais ocupações da população rural do município. Antes de iniciarem a experiência de organização do grupo Art's Barro, as mulheres que o compõem trabalharam na agricultura, na casa de farinha, e em casas de família, e passaram a se organizar como grupo depois da realização de um curso pela Secretaria de Ação Social do município sobre produção de panelas de barro, em 2007. Após o curso, elas consolidaram-se como um grupo de trabalho informal e autogestionado de artesãs que produzem as mais diversas peças de barro, sendo formado apenas por mulheres, desde seu surgimento.

Este ensaio é uma sistematização do processo de investigação realizado junto ao referido grupo no desenvolvimento do mestrado em Sociologia na linha de Gênero e Sexualidade da UFPB¹. A metodologia de pesquisa incluiu oficinas com as mulheres do grupo, observação participante e registro fotográfico como parte dos dados analisados na dissertação. O registro das imagens, feito com uma câmera semiprofissional², fez parte dos dados e sínteses produzidas no processo da oficina.

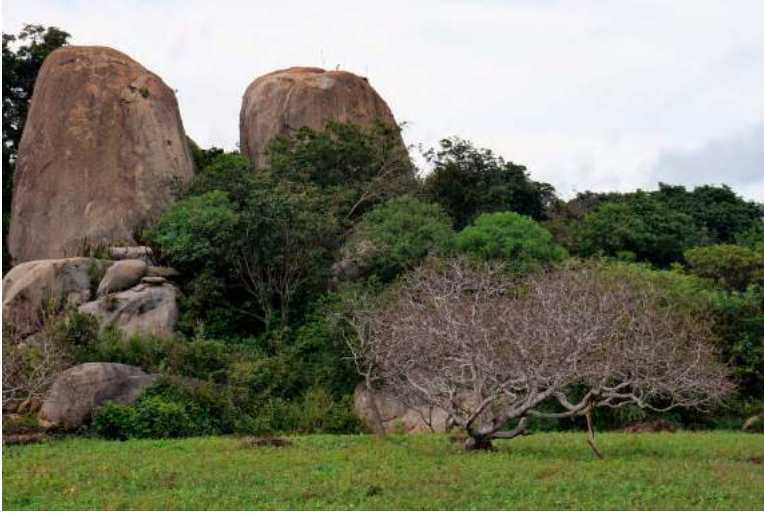
O grupo é composto por seis artesãs, quatro delas têm relações de parentesco, o que é muito presente nos grupos de mulheres no Pajeú. Segundo essas mulheres, atravessar o batente da porta – moldura que envolve as portas com funções estéticas e práticas – para realizar esse trabalho como artesãs fortaleceu suas relações familiares, permitiu-lhes acessar outros espaços e conhecimentos. O batente da porta sempre simboliza a saída da casa e o acesso à rua, ao espaço público, mas esse acesso à rua e ao espaço público toma outro sentido quando deixa de ser mediado por demandas da casa e da família e passa a ser mediado pela experiência de trabalho das mulheres. As fotos que compõem este ensaio buscam apresentar o cotidiano da vida e do trabalho das mulheres do Grupo Art's Barro e os significados presentes no espaço

por elas construído para trabalhar. Assim, a escolha das fotos foi orientada por uma narrativa visual que propõe compartilhar suas vivências, cotidiano e trabalho.

Crédito das imagens: Mônica Vilaça da Silva.



Vista do município de Brejinho, de cima da Pedra Grande. O município de Brejinho faz a divisa ao sul com a Paraíba, e nele nasce o Rio Pajeú, que atravessa todo o território do Pajeú. Tem uma população de 7.307 habitantes, com 3.386 pessoas na zona urbana e 3.921 pessoas na zona rural, segundo o IBGE. A pedra grande é uma formação rochosa considerada um ponto turístico do município.



Cajueiro. Após uma estiagem de seis anos, em maio de 2018, voltou a chover no sertão do Pajeú, recuperando os rios, açudes e cisternas, e modificando a paisagem. O sertão está verde e florido, mas ainda podemos ver árvores brancas na paisagem que evocam a expressão tupi-guarani “mata branca” para a caatinga, permitindo às sertanejas e aos sertanejos retomarem plantios e a criação de animais.



Tanque de pedra. O abastecimento de água das casas é uma tarefa atribuída às mulheres e crianças. Assim, tornam-se de extrema importância todas as iniciativas e tecnologias para reservar água, como os açudes, tanques e cisternas. As famílias em Brejinho aproveitam as formações rochosas próximas às casas para reservar água. Alguns tanques não precisam de nenhuma intervenção; em outros casos, como podemos observar na foto, as famílias fazem barreiras de cimento para poderem reservar a água.



Entrada da sede do grupo Art's Barro. A sede de produção do grupo é uma casa das mulheres do grupo, no sítio Tamboril, que anteriormente era alugada. A casa já passou por uma ampliação que permite hoje ao grupo ter na entrada uma área para venda, e no segundo cômodo um salão para a produção das peças. Além de espaço de trabalho, a casa de barro, como é nomeada por elas, é lugar de diálogos e aprendizados.



Primeiro pilão à esquerda, e forno à direita da foto. Para trabalhar com o barro, era necessário maceará-lo em um pilão, atividade extremamente penosa. O forno também era pequeno e dificultava a queima das peças. Com a ampliação do espaço e a conquista de novos equipamentos, elas resolveram manter tanto o pilão quanto o forno como memória dos passos já dados. À esquerda, na parte superior, pode-se ver a cisterna de água utilizada para produção.



Maria de Barro. Esta é a casa de um passarinho mantida na sala de entrada da sede do grupo. Segundo a história local, é construída pela Maria e pelo João de Barro, e enquanto ela choca os ovos, ele traz alimento. Quando o João de Barro sente ciúmes da Maria, ele a tranca dentro da casa, matando-a sufocada. Elas guardam a casa como expressão do machismo que elas combatem a partir de seu trabalho.



Basta de violência contra a mulher. O grupo de mulheres do Art's Barro articula-se com outros grupos no Sertão do Pajeú através da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Um dos princípios de organização e mobilização dessa rede é o feminismo, através do qual elas vêm mobilizando ações de enfrentamento e combate à violência contra as mulheres rurais.



Moldando as peças. O processo de fabricação das peças de barro envolve várias etapas, e algumas mulheres se identificam mais com algumas dessas etapas e menos com outras, e dessa forma elas dividem o trabalho. A modelagem das peças é manual e é o momento da produção que elas mais identificam com habilidade e criatividade.



Lixando a peça e aplicando água. Nesta etapa, elas lixam, aplicam água e alisam a peça com pequenas pedras conhecidas como seixos para observar e corrigir possíveis imperfeições. Esta é a fase mais demorada e que algumas mulheres não gostam de realizar em razão do esforço despendido.



Aplicando brilho. Antes de levar as peças ao forno para queimá-las, elas aplicam óleo vegetal e novamente alisam a peça com pedras. Esse momento de acabamento, chamado por elas de “dar brilho” é responsável pelo aspecto final que a peça obtém.



Peça finalizada. Cada peça produzida leva um tempo mínimo de 22 dias para ser finalizada. Esse longo tempo é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo quanto a produção, armazenamento e venda.



Mulheres do Art's Barro e o novo forno. O forno foi conquistado através de um projeto da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú e utiliza lenha. Elas usam plantas exóticas não ameaçadas de extinção, como a melancia de cavalo, o nim, a algaroba, a gliricídia, a jurema preta e de embira, e a catingueira. São espécies ameaçadas da caatinga a baraúna, a quixabeira, o umbuzeiro, o angico, a umburana de cheiro, a aroeira, o ipê e o cedro.



Aniversário e festejos. As mulheres do grupo mantêm um quadro com as datas de aniversário de todas as participantes. Nesse dia, ao final do trabalho, elas retornam à noite para a casa de barro a fim de comemorar com a aniversariante. Além delas, outros membros de suas famílias participam, e cada uma delas prepara algum mimo para a aniversariante.

Recebido: 16/07/2018

Aprovado: 28/03/2019

Mônica Vilaça é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba em João Pessoa. Trabalha com temáticas ligadas às experiências das mulheres e práticas de economia solidária e economia feminista, a partir das referências dos cuidados e da produção dos comuns. ORCID: 0000-0002-8916-4364. Contato: monicavilaca2@yahoo.com.br

Notas

1. No mestrado busquei discutir os significados dos valores éticos e morais de cuidados mobilizados nas práticas de trabalho em economia solidária das mulheres de três grupos produtivos que compõem a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, sob a orientação da Professora Doutora Mónica Franch.
2. Sony Alpha 3000.

Colheita dourada: a arranca do capim no *gerais* do Jalapão (TO)

Guilherme Moura Fagundes
Antropólogo independente - Brasil

O Jalapão (TO) possui uma terra onde se queimando tudo dá. Embora possa parecer contraintuitivo, esse é o caso do capim-dourado. Como se costuma dizer por aquelas bandas, trata-se de uma planta que “só vem forte mó do fogo”. Pela taxonomia vegetal, ele está inserido na família *Eriocaulaceae*, sendo uma florífera dentre as populares sempre-vivas. Pelos jalapoeiros, entretanto, esta cobiçada planta é tida como um capim. Tal aceção diz muito sobre sua estreita interação com as práticas do manejo bovino, pois a queima das veredas possibilita tanto a promoção do capim-dourado quanto a rebrota do capim agreste que alimenta o gado. *A arranca do capim* é uma atividade que mobiliza famílias inteiras entre o final da estiagem e o início das chuvas, em busca do material a partir do qual se confeccionam artesanatos de grande importância para a economia jalapoeira. Precisamente, 20 de setembro é a data biopolítica demarcada pelos órgãos ambientais como o início da colheita do capim. Entende-se que, por volta desse período, não apenas as hastes estejam secas e douradas para atrair o olhar dos turistas, mas também as sementes amadurecidas o suficiente para permitir a reprodução do vegetal.

As fotografias que compõem este ensaio foram registradas com câmera Nikon D5300 (lente 18-55mm) e retratam três dias de uma *arranca do capim* junto a Deni, Iracema, Belarmina e Dieison, na *rancharia* do brejo da Estiva. Meus anfitriões na cidade de Mateiros (TO) e protagonistas do ensaio são quilombolas e generalistas, como se autodenominam no Jalapão aqueles cuja vida depende do ambiente chamado de *gerais*. Para além do registro de uma atividade extrativista, a composição estética intenta dar destaque a tonalidades, gestos e posturas que caracterizam as interações com o capim-dourado no *gerais* do Jalapão.

O ensaio também é parte de minha tese de doutorado em antropologia social, desenvolvida ao longo de onze meses de pesquisa de campo, entre os anos de 2014 e 2016. A pesquisa enfoca os modos de existência do fogo no ambiente de *gerais* e as transformações técnicas oriundas da nova política de manejo integrado do fogo no Jalapão – envolvendo quilombolas, brigadistas e gestores ambientais da Estação

Ecológica Serra Geral do Tocantins. Em campo, a etnografia buscou conjugar o engajamento nas práticas de queima com a captação de imagens estáticas e em movimento, com vistas a uma análise praxiológica dos gestos técnicos.

Crédito das imagens: Guilherme Moura Fagundes, Mateiros (TO), 2016.



O Jalapão é tido como uma das regiões mais inflamáveis do país. Tal configuração se dá tanto em razão de seus ecossistemas pirofíticos, cuja inevitabilidade de queima é iminente, como ainda pela importância das queimadas no modo de vida geralista. No gerais, o fogo feito para alimentar o gado conflui com o capim-dourado: enquanto o gado se alimenta dos brotos de uma queimada feita no mesmo ano, já o capim-dourado vem forte apenas nas vargens de veredas queimadas no ano precedente. É por isso que a subida para o gerais não deixa de ser um reencontro com lembranças que as famílias possuem acerca das temporalidades das áreas queimadas. Reconhecer o papel do fogo nesta verdadeira trama de natureza e cultura é o primeiro passo para adentrarmos no universo do capim-dourado.



A arranca é uma atividade perambulante, andarilha e sem direção certa, sempre em busca das ilhas de capim. Como dizem, ranca mais quem anda mais. Ao longo do itinerário, a família se separa, cada membro indo numa direção, contornando as veredas em busca dos locais de maior concentração da planta. Enquanto no campo o capim é ajuntado de maneira disforme, a separação dos maços é feita na rancharia. Nestas duas imagens, Deni, Iracema, Belarmina e Dieison se reencontram na vereda da Estiva, após duas horas de coleta.







Além de local de descanso das pernas e trabalho com as mãos, é também na *rancharia* onde se desenrola a partilha de histórias sobre as *luzias* (assombrações) e façanhas do *povo de primeiro*. Nesta habitação, coberta com palhas de buriti, sempre haverá pratos, talheres e condimentos de cozinha (principalmente sal e óleo) para serem usufruídos pelos que ali passarem para pernoitar. A *trempa* (acima) também é uma constante nestas instalações, pois apenas esta cuidadosa justaposição de três pedras consegue proteger o fogo doméstico do vento de *gerais*.



A raspagem é uma condicionante dos órgãos ambientais para a permissão de colheita. Os relatos de geralistas multados por não terem raspado as flores e as deixado no campo nutrem receios de maus encontros com agentes de fiscalização. Ainda que não fosse uma obrigação, Deni sabe que só assim o capim poderá renascer nas veredas. Chegando na *rancharia*, enquanto Iracema e Belarmina preparam o cozido, Deni e Dieison se dedicam a esta que é uma etapa bastante trabalhosa. Munidos de facas bem amoladas e apoiando os maços sobre uma das pernas, algumas horas são necessárias para finalizar a tarefa.





A separação dos maços visa deixá-los numa divisão que facilite a pesagem e a venda. Do grupo, apenas Belarmina, irmã de Deni, tem habilidade na *costura* do capim. Ela faz brincos, mandalas, e pequenos vasos, como um que ela me presentou. A maior parte desta colheita, entretanto, já estava reservada para um compadre. Outra parte seria vendida para a associação de artesões no valor de quarenta reais o quilo. O restante foi deixado em reserva para o período no qual não é permitido coletar (sobretudo de março a agosto), quando o preço tende a ser mais elevado.



A venda se dá no peso. Para isso, Deni utiliza a *balança jalapoeira*. O aparelho, de mais de trinta anos, foi feito artesanalmente com um pedaço de *pau louro*, cuja madeira lisa, leve e uniforme é amarrada com arame e corda na extremidade. O movimento da argola provocado pelo peso do maço indicará o peso final de até 16 quilos. Nesta imagem, Deni está pesando um maço de 3,5 quilos, coletado por Dieison e vendido a um compadre.



Recebido: 31/07/2018

Aprovado: 09/01/2019

Guilherme Moura Fagundes é doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), com estágio sanduíche no Laboratoire d'Anthropologie Sociale (LAS - Collège de France/EHESS, Paris). Atua principalmente nas áreas de antropologia da técnica, antropologia da conservação e antropologia fílmica, com ênfase nos processos e nas políticas de manipulação da vida e dos viventes. ORCID: 0000-0003-2510-0465. Contato: guilhermefagundesantro@gmail.com

